

Bancos dos EUA voltam a emprestar

Os bancos americanos, que tiveram prejuízos de bilhões de dólares durante a crise da dívida dos países latino-americanos na década de 80, estão voltando a aumentar os empréstimos estrangeiros segundo o, *The Wall Street Journal*.

Entre os países subdesenvolvidos, inclusive os da América Latina, a exposição dos bancos americanos totalizou US\$ 89 bilhões a partir de 31 de março, um aumento de 17% em relação a um ano antes e de 33% em relação a 1990, segundo os dados mais recentes do Federal Reserve. A exposição dos bancos a seis países asiáticos recentemente industrializados ou que estão se industrializando — os cha-

mados tigres de Hong Cong, Taiwan, Cingapura, Coreia do Sul, Tailândia e Malásia saltou 50% em relação a um ano antes, ficando em US\$ 64 bilhões. A exposição inclui empréstimos e posições em valores mobiliários.

A maior parte do aumento risco foi assumida pelos maiores bancos do país. Oito chamados bancos de centro financeiro são responsáveis por US\$ 53 bilhões da exposição aos países subdesenvolvidos e por US\$ 28 bilhões da exposições aos seis países asiáticos.

O crescimento rápido refletiu a impaciência dos bancos, abarrotados de capital, para encontrar novas fontes de crescimento da renda.

Os empréstimos feitos nos EUA também aumentaram bastante no ano passado.

Alguns analistas estão manifestando preocupação quanto à exposição dos bancos no estrangeiro. "A exposição ao risco dos bancos americanos junto aos países subdesenvolvidos em 1994 é maior e está aumentando", disse Raphael Soifer, um analista de bancos da Brown Brother Harriman & Co., que recentemente concluiu um estudo sobre o aumento do empréstimo. "Com o aumento das taxas de juro, nossa intenção é fazer soar um sinal de alerta com a antecedência devida sobre o risco potencial que pode implicar a exposição no estrangeiro."

Soifer disse que não está claro quanto da nova exposição é resultado do empréstimo. Mas se o aumento da exposição se deve a empréstimos, posições em valores mobiliários ou atividades com derivativos, nada disso importa, disse ele; o resultado é um só: mais exposição internacional para os bancos. Por essa razão ele está surpreso com o fato

de os grandes bancos estarem tão agressivos, dada a sua experiência da década de 80, quando o não-cumprimento dos compromissos dos chamados países menos desenvolvidos "quase exclui do setor alguns dos emprestadores".

"Era de esperar que os bancos tivessem aprendido a lição depois da crise da dívida dos países menos desenvolvidos", disse ele. "Mas os banqueiros são gente de memória muito curta e uma fome enorme de mais lucros".

Os banqueiros confirmam que os empréstimos internacionais estão crescendo, mas dizem que não deixarão a história se repetir. "Uma grande parte dos empréstimos antigos estava concentrada nos governos e em projetos de infra-estrutura que não davam rendimentos imediatos", disse Richard J. Boyle, vice-presidente da Chase Manhattan Corp. "O novo empréstimo se concentra em investimentos nas empresas privadas, que produzem moeda forte capaz de pagar os empréstimos."